



## **nós, essas pessoas que se perguntam se são monstros<sup>2</sup>**

j i a l u p o m b o

O que quero compartilhar com vocês é um mistério. Sendo assim, tem algo de inacessível, e isso produz um problema. Mas esse problema não é só meu, é nosso. E, pra mim, só dá pra viver sustentando e convivendo com esse problema... como é pra vocês?

Pra mim é como correr atrás e nunca alcançar, mas continuar correndo. Porque assim os poros se abrem com o vento que bate na pele sem pedir permissão e qualquer coisa que seja – tudo – entra e sai. Já não existe dentro e fora. Ou então, como ficar parado numa quase imobilidade, na qual tudo me atravessa e todo micromovimento que faço decorre dessa permeabilidade.

“Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (A hora da estrela – Clarissa Lispector)

Isso aqui, que escrevo/leio/falo agora, talvez seja uma carta, pra ninguém, ou pra todo mundo que me escuta, ou especificamente para l., t., j., h., r., p., a., c., m... e tantas outras letras que iniciam tantos outros nomes, daqueles que um dia ficaram sem nome, ou que ainda estão.

Porque um pouco desse problema diz respeito à nomeação.

nomeação de nós

nomeações de cada

Tenho dito pra mim que tenho três nomes, já que esses três nomes são usados pra me chamar. E que isso é só mais uma coisa desse tanto de atravessamento constante que é a vida.

Então, como ou quantos são a nomeação de nós?

não-binário

---

<sup>2</sup> Este texto, publicado após algumas alterações, é a fala que fiz no encontro Sexta do Mês - Stonewall: do Village para o mundo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, em agosto de 2019.



O que é isso? Alguém aqui sabe? Alguém espera que eu dê uma resposta?

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o que, mas sei que o universo jamais começou.” (A hora da estrela – Clarisse Lispector)

Há tempos atrás uma pessoa mexicana, artista, indígena (dentre as nomeações que podem ser usadas para dizer dela) falou que “os idiomas do Ocidente não dão conta de uma concepção de vida e mundo na qual a humanidade não está no centro. Inglês, português, espanhol, não dão conta de um mundo fora do antropoceno”<sup>3</sup>. Talvez a língua que uso para escrever/falar não dê conta de um mundo fora do antropoceno, mas foi a língua que me deram, vou continuar tentando usá-la para criar outras línguas, outras linguagens e outros nomes... não-binário é só uma das tentativas.

Pra mim é uma tentativa de saída do antropoceno. Pra mim, esse nome que nega, tenta afirmar que uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida... e digo ‘pra mim’ porque essa é uma relação particular que tenho tensionado com esse nome, percorrendo caminhos para achar outros nomes – que não neguem algo a fim de afirmar outra coisa. Mas, o que estava tentando dizer é que não-binário coloca em tensão uma estrutura de ser, um modo de existência, um certo tipo de humanidade... coloca em tensão o corpo nessa estrutura.

Outro dia escrevi em outra carta: “Sou feito de folhas pontudas e aqui/agora, enquanto te escrevo essa carta uso uma prótese fállica que não é pontuda mas serve para penetrar penetrar meu próprio corpo de, água, gás, fogo porque nasci nessa vida com dois orifícios e um mini-pau, e às vezes aumento ele com a prótese fállica, enquanto diariamente faço ele crescer com o gel transparente e aderente na minha pele.

Faço isso porque nesse tempo meu corpo está em constante diálogo com essa humanidade identitária, como você bem disse. E esse tempo é colonizador. Ele disse

---

<sup>3</sup> Fala de Fernando Palma Rodríguez no seminário Arte além do horizonte, acontecido no Pivô, São Paulo. 2018.



que meu corpo é feminino porque tenho clitóris. Mas, se chamo esse clitóris de mini-pau e faço ele crescer diariamente transmuto o tempo?”<sup>4</sup>

Num tempo em que eu só tinha dois nomes encontrei alguém que, procurando sair do binarismo de gênero, coloca isso nas palavras, procurando alargar a linguagem para além do feminino e do masculino dentro dessa língua que chamamos de português. Mais ou menos ao mesmo tempo li alguém que, dominando três línguas, sente que nenhuma lhe pertence, e que ao usá-las e misturá-las cria linguagem, num texto que flui entre referências e dizeres de outros – pensamento crítico/político –, e vômitos de vivências, auto experimento, exposição de atravessamentos – corpo sensível/político.

E eu aqui sendo todo dia atravessado pela deslegitimação dos movimentos que tento fazer com esse corpo/linguagem, me perguntando quais são os gestos possíveis. Lembro que uma vez escrevi: não dá pra deslocar corpo sem deslocar linguagem porque essa vivência pobre de corpo está praticamente presa nessa linguagem pobre.

Mas, será que deslocar linguagem é o suficiente para deslocar corpo?

Deixar o **ela** para usar o **ele**, deixar o **a** para usar o **o**, pode gerar movimentos perceptíveis para os trânsitos desse corpo e para os atravessamentos com os outros corpos?

Porque não são pronomes ou artigos que definem o que seria feminino e masculino. Essas palavras são usadas para delimitar os gestos fabricados por sistemas de categorização da vida em dicotomias. Invenções sociais que estamos constantemente produzindo e acessando (ou sendo negades a produzir e acessar), às quais podemos dobrar e quebrar, através de nossas potências vitais que criam outras forças.

Já não sei diferenciar meus gestos dentro desses códigos binários de gênero, e me pergunto o quanto todes nós, fiscais das vidas alheias, fazemos essa diferenciação a cada movimento de mãos, pernas, boca... E o que percebo é que não importa o quanto desloque a linguagem, se os fiscais não quiserem enxergar (respeitar), não vão. Não importa o quanto desloque os gestos. Se o corpo não é binário estarão sempre tentando encaixá-lo em algum desses dois lugares, mesmo que seu movimento seja para um outro lugar.

---

<sup>4</sup> Carta para Castiel Vitorino Brasileiro.



Essa necessidade de nomear é estritamente da experiência humana, mas a vida é muito mais, muito mais ampla, larga, complexa no nível de escapar nomenclaturas, porque sempre em movimento. Então, estou procurando adentrar em transições que não dizem respeito apenas a ordens do humano. Sair da normatividade não apenas pelo deslocamento dos discursos (línguas) que estratificam os processos de vida, mas por caminhos que desloquem o corpo dos contornos do que seria humano, incorporando o que podemos ser para além de humano a partir dos contatos e trocas com outros seres que já estão aí, e/ou com seres que criamos (substâncias).

Isso me faz lembrar do *Nascimento de Urana*, da Jota Mombaça. Dos cinco dias que tivemos numa oficina sobre ficção visionária oferecida por ela. Durante esses dias, nós, essas pessoas que se perguntam se são monstros, inconformes com normas de gênero e sexualidade, pensamos juntas sobre como somos a ficção visionária de quem veio antes. Pra gente existir outras pessoas tiveram que imaginar mundos onde fosse possível viver de outro jeito. Imaginaram, viveram, morreram e construíram esses mundos nos quais eu posso estar aqui/agora falando sobre isso, imaginando, vivendo, construindo e morrendo – o tempo é espiralado.

E, não se enganem: “não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousa clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contra-tom o baixo grosso da dor” (A hora da estrela – Clarisse Lispector).

Digo isso, também, para trazer ao corpo as aberturas provocadas pelas impossibilidades do presente. O que imagino, e que se apresenta como impossível para viver aqui/agora, poderá ser vivido por Uranas que estão por-vir. Porque aqui/agora nomear nem sempre é possível para nós, dentro da estrutura social regida por códigos binários, nos quais as tramas significantes privilegiam o sentido da visão.

“você pode mudar seus documentos, mas precisa continuar seguindo esse padrão (do sexo na certidão de nascimento ser feminino ou masculino)”, foi o que me disse a pessoa do cartório, quando perguntei sobre a possibilidade de declarar outra coisa, ou



de, apenas, não declarar o sexo/gênero, não classificar meu corpo<sup>5</sup>. Mas, se pra mim essa nomeação, esse dizer institucional é negado, talvez daqui há 20, 50, 70 anos, alguém possa dizer que é a ficção visionária de quem veio antes. E isso implica não só em institucionalizar e, assim, acessar estruturas necessárias para a sobrevivência nesse mundo enrijecido pelo regime colonial e capitalista, mas também (e, principalmente), em criar outros contornos, outros modos de ser, outras formas de viver, que vão manejar e ser atravessadas por questões que já não dizem respeito a esse regime e suas instituições, impulsionando outras mudanças. Nós e o mundo estamos em movimento – nós somos o mundo, o mundo somos nós.

Nessa relação corpo/linguagem, que é a potência de minha força vital e minha maior vulnerabilidade ao mesmo tempo, estou sempre a perguntar: “será mesmo que a ação ultrapassa a palavra?” (A hora da estrela – Clarisse Lispector)

Aqui/agora para/no meu corpo trata-se de uma dança de atos, a medida em que a força vital só existe em seu exercício. Mas, e o dizer, também não é um ato?

---

<sup>5</sup> Me refiro à abertura do Estado brasileiro para a retificação de nome e sexo/gênero na certidão de nascimento feita diretamente pelo cartório no qual a pessoa foi registrada ao nascer, sem a necessidade de abrir processo jurídico, tampouco de apresentar laudos médicos e cirurgias de mudanças corporais. Porém, tal alteração no documento (o primeiro que depois possibilita a alteração de qualquer outro documento identitário) continua restrita às normas binárias de identificação de gênero, uma vez que o Estado não diferencia o termo sexo do termo gênero, submetendo, assim, as experiências que vem sendo nomeadas com várias palavras, dentre elas trans e travesti, à manutenção dessa polaridade homem/masculino x mulher/feminino. Essa dureza torna impossível o registro institucional de vidas que não são nem homem, nem mulher, nem masculino e nem feminino.